

ENTRELAÇANDO ESTUDOS SOBRE CULTURA VISUAL, GÊNERO E CURRÍCULO

FABIANA LOPES DE SOUZA¹; MARIA CECILIA LOREA LEITE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – fabiana.lopes2013@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – mclleite@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo parte de uma tese¹ apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação. O objetivo da pesquisa foi investigar as concepções das professoras de Artes Visuais da rede municipal de ensino de Pelotas-RS, quanto às imagens e às relações de gênero no currículo escolar.

Procurando agregar os estudos sobre gênero, currículo e imagens, a fundamentação teórica se baseia nas contribuições de Santomé (2005) a partir das teorias críticas que questionam os modelos tradicionais de currículo e defendem a construção do currículo a partir de um processo democrático; e prioriza as abordagens das teorias pós-críticas através dos estudos de Silva (2005) por possibilitarem reflexões sobre imbricações do currículo escolar e relações de poder, mais especificamente no que se refere à produção das subjetividades dos sujeitos, levando em conta, principalmente, os fatores sociais e culturais.

Referente à gênero, Collins (2019) a partir da formulação sobre interseccionalidade, reconhece gênero, raça, classe e sexualidade como principais eixos de opressão. De modo convergente, destacam-se as contribuições teóricas do feminismo de(s)colonial que apontam sobre a necessidade da descolonização das teorias e da história centrada no pensamento ocidental.

Hernández (2007) a partir de uma concepção pedagógica, reflete sobre a necessidade da educação da cultura visual nas escolas, para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo das/os estudantes. A escola atua na produção de conhecimentos e na criação de significados sociais e culturais; e o currículo escolar está envolvido nestas ações, especialmente, nas relações de poder que demarcam as diferenças sociais, implicando na construção de identidades individuais. Contestar as identidades hegemônicas que foram construídas pelos regimes de representação pode possibilitar a desconstrução “[d]as representações de gênero, raça, classe, nação, contidas no currículo” (SILVA, 2005, p.201).

Dessa forma, com vistas a pluralidade, é necessário refletir sobre o papel desempenhado pelas imagens em nossas vidas, assim como a necessidade da educação através das imagens, com a perspectiva de reformulação das ideias que condicionam e reforçam binarismos e estereótipos.

O interior das escolas é repleto de imagens que condicionam o olhar das/os estudantes, e a escolha das/os professoras/es por determinadas imagens e artefatos visuais e culturais, fazem parte de um currículo oculto que normatiza e divide as/os estudantes. Os materiais escolares, as roupas, as embalagens dos produtos, que as/os estudantes consomem, carregam imagens de personagens e/ou marcas de suas preferências. Esses artefatos podem possibilitar um trabalho investigativo em sala de aula, visto que propiciam experiências de subjetividade aos estudantes.

¹ Intitulada “Imagens e questões de gênero no currículo: um estudo com professoras de Artes Visuais” (2022).

2. METODOLOGIA

O contexto pandêmico da covid-19 ocasionou alterações nos procedimentos de produção de dados para a pesquisa, a qual aconteceria através do contato presencial com as participantes, algo que se tornou inviável devido a necessidade de afastamento social. Desse modo, além da utilização dos aplicativos de *WhatsApp* e/ou *Messenger*, a interação com as participantes ocorreu através da plataforma digital Webconf/UFPel. A partir da relação com as temáticas cultura visual e gênero, solicitou-se às participantes, onze professoras de Artes Visuais, o envio de imagens. Seguidamente, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas.

A pesquisa se insere em uma perspectiva qualitativa e não apresenta uma metodologia fixa, pois apoiada nos estudos de Kincheloe e Berry (2004; 2007) e Paraíso (2014), adota a bricolagem de informações. Nesse processo, a partir da revisão bibliográfica, das imagens enviadas por onze professoras participantes e das entrevistas semiestruturadas, foram produzidos os dados de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão bibliográfica, das imagens enviadas pelas participantes, e das entrevistas, foi realizado um mapeamento visando “montar, desmontar e remontar” os discursos e as narrativas. “A operação aqui é de juntar – aquilo e aqueles/as que podem ser considerados comuns, semelhantes, parecidos – e separar – aquilo e aqueles/as que afirmam coisas diferentes, distintas, contrárias, conflitantes” (PARAÍSO, 2014, p.37). O mapeamento das informações, presentes nos instrumentos de pesquisa, permitiram a descrição tanto das semelhanças quanto das singularidades dessas informações, algo imprescindível para a produção dos dados de pesquisa. Alguns pontos foram destacados, como por exemplo: a limitação ou a não utilização de imagens que remetem às questões de gênero e a justificativa sobre a faixa etária das/os alunas/os”; a associação dos assuntos que envolvem gênero e interseccionalidades na escola, quase sempre às datas comemorativas; a necessidade da ampliação do repertório visual nas aulas de Artes Visuais, especialmente quanto ao conhecimento pelas produções contemporâneas das mulheres artistas e a possibilidade de desconstrução do olhar idealizado sobre o feminino nas representações; e as questões que envolvem representatividade a partir das conexões entre cultura visual e construção identitária.

Crianças e adolescentes têm acesso a uma diversidade visual, “[...] pois suas experiências são intermediadas por tecnologias apresentadas pela televisão, publicidade, filmes e vídeos, jogos eletrônicos e internet” (NUNES, 2014, p.144). Isso demonstra que existe um equívoco em ocultar e/ou desconsiderar as temáticas de gênero e suas interseccionalidades a partir da justificativa da faixa etária das/os estudantes. Além disso, os assuntos que envolvem gênero, classe e raça, “não podem ficar reduzidos a temas mais ou menos esporádicos, quando não marginais, a objetos de dias especiais, nem a matérias independentes (SANTOMÉ, 2005, p.176).

Todas as entrevistadas trabalham com imagens em suas aulas e mencionaram a relevância das abordagens sobre gênero, classe e raça. Porém, ainda existe dificuldade, receio, falta de discussões e criticidade ligadas ou não à formação inicial, falta de ampliação do repertório visual (por selecionarem imagens

de materiais acessíveis, em livros didáticos etc.), e até mesmo critérios de gosto por parte de algumas professoras que demonstraram ter preferência pelas reproduções das obras consagradas da história da arte.

E quanto às questões que envolvem produção de sentidos e representatividade, é necessário reforçar a importância de um alfabetismo visual crítico, que considere a cultura visual das/os alunas/os, e possibilite a desconstrução de estereótipos de qualquer tipo. Pois, conforme esclarece Hernández (2011), uma proposta educativa a partir da cultura visual

pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar (efeitos, relações) de como o que vemos nos conforma, nos faz ser o que os outros querem que sejamos e poder elaborar respostas não reproduutivas frente aos efeitos desses olhares (HERNÁNDEZ, 2011, p.44).

4. CONCLUSÕES

Verificou-se a existência de práticas curriculares que utilizam as imagens de forma descontextualizada, ou seja, sem discussões sobre o que está sendo trabalhado, de maneira acrítica, centrando-se apenas na realização de tarefas.

Ademais, as questões de gênero, classe e raça são quase sempre associadas às datas comemorativas (Dia da Mulher, Dia da Consciência Negra...), demonstrando uma romantização em torno das datas, o que contribui para a manutenção de estereótipos. É provável que isso aconteça devido a naturalização em torno das imagens e artefatos visuais que fazem parte do imaginário social e cultural. Ademais, existe uma adaptação, por parte das docentes, a um currículo escolar já existente, que pode ser oficial ou oculto.

Ainda assim, algumas professoras mesmo passando por situações desconfortáveis, já iniciaram um processo de subversão dos pensamentos centrados em verdades, através de discussões e ampliação dos repertórios visuais em suas aulas, com imagens da cultura visual contemporânea e reproduções artísticas femininas contemporâneas e/ou contravisualidades que tratam de temáticas sobre gênero e suas interseccionalidades.

Percebeu-se que as concepções das professoras de Artes Visuais sobre as práticas com imagens podem reforçar e/ou manter preconceitos e estereótipos no currículo escolar, mas podem também contribuir no processo de desconstrução dos pensamentos que normatizam condutas e procuram fixar identidades. Isso se deve ao nível de criticidade, que inclui o repertório visual e a relação estabelecida entre as imagens e a produção de sentidos e significados, considerando a formação inicial e continuada das professoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, P.H. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento [recurso eletrônico]; tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p.31-50.

KINCHELOE, J.L; BERRY, K.S. **Rigour and complexity in educational research**: Conceptualizing the bricolage. Maidenhead: Open University Press, 2004.

KINCHELOE, J.L; BERRY, K.S. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NUNES, L.B. “**Se a prova fosse sobre os Rebeldes eu ia tirar 10**”! Culturas visuais tramando masculinidades na escola. 2014. 224f. Tese (Doutorado em Arte e cultura visual) – Faculdade de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura visual, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PARAÍSO, M.A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SANTOMÉ, J.T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 159-177.

SILVA, T.T. Currículo e identidade social: Territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p.190-207.